

## **A DISSIMULAÇÃO – DUAS FÁBULAS**

**Jacir J. Venturi**

O maior fabulista francês, Jean de La Fontaine (1621-1695), uma vez inquirido sobre a recorrente presença dos animais em seus textos, foi pedagógico em sua asserção: “sirvo-me dos animais para instruir os homens”.

As duas fábulas, abaixo descritas, demonstram que para sobreviver é preciso estar alerta às armadilhas da dissimulação e às artimanhas da astúcia. Um oponente conhecido é menos danoso que um amigo hipócrita. As pessoas falsas são piores que os inimigos ferozes.

### **A aranha, o gafanhoto e o camaleão**

A aranha, o gafanhoto e o camaleão habitavam o aprazível bosque da cidade. Conviviam a uma distância razoável, pois, reciprocamente, temiam as artimanhas que sempre eram recorrentes.

A aranha foi a primeira a urdir:

— Meu caro gafanhoto, sejamos previdentes e cuidadosos! O camaleão é o rei dos disfarces, muda de cor e a gente nem percebe.

— É mesmo! – completa o gafanhoto. — Ele fica nos troncos das árvores com cara de “boi-sonso” e é só passar por perto que ele estica aquela língua imensa e... “crau!”.

— Sim, companheiro, sempre alerta! – continua a aranha. — Eu passo o dia fiando, mas é um olho na teia, o outro no camaleão. Você sabe, o seguro morreu de velho. Precaução e caldo de galinha não fazem mal a ninguém, dizia a minha avó.

— Belos conselhos, Dona Aranha. Esse camaleão é o mestre da desfaçatez, é o rei da dissimulação.

— Vá por mim! Dificilmente eu me engano! E tem mais – disse a aranha sussurrando. — O camaleão tem uma armadilha mortal! Chegue mais perto, meu caro amigo gafanhoto, que eu lhe contarei.

Ingenuamente, o gafanhoto se aproxima e se enrosca todo na teia. Diante da morte certa, fica a pensar o quanto foi bobo em confiar na ardilosa aranha.

### **A rã e o escorpião**

O fogo crepitava feroz e avassalador. Na margem do largo rio, que permeava a floresta, encontram-se a rã e o escorpião.

Lépida e faceira, a rã prepara-se para o salto nas águas salvadoras. O escorpião – que não sabe nadar – aterroriza-se ante a morte certa, ou estorricado pelas chamas ou impiedosamente tragado pelas águas revoltas.

Arguto, e num esforço derradeiro, implora o escorpião:

— Bela rã, leva-me nas tuas costas na travessia do rio!

— Não confio em ti! Teu ferrão é inclemente e mortal – responde a rã.

— Jamais tamanha ingratidão. Ademais, se eu te picar, morte certa para nós dois.

— É verdade – pensou candidamente o bondoso batráquio. — Então suba!

E lá se foram, irmanados e felizes. No entanto, no meio da travessia, a rã é atingida no dorso por uma impiedosa ferroada. Entremeando dor e revolta, trava o derradeiro diálogo:

— Quanta maldade! – exclama a rã, contorcendo-se. — Não vêes que morreremos os dois?!

— Sim – responde o escorpião. — Mas esta é a minha natureza!

**Jacir J. Venturi**

**Professor e diretor de escola e autor do livro *Da Sabedoria Clássica à Popular***